ARTIGO

Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da história global¹

*Connections and integration: general
comments on global history paradigm*

*Conexiones e integración: algunas
consideraciones sobre el paradigma
de la historia global*

Felipe Alexandre Silva de Souza

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

¹ Este texto foi escrito graças ao auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Resumo

Pretende-se apresentar sumariamente as principais propostas metodológicas da história global, um dos paradigmas de pesquisa histórica mais discutidos nos últimos anos, em especial no mundo anglo-saxão. Dispensaremos especial atenção às noções de conexão e de integração, que em conjunto direcionam a uma perspectiva de análise histórica mais ampla, possibilitando a apreensão de dimensões do objeto de pesquisa que talvez passassem despercebidas em abordagens tradicionais.

Palavras-chave: História global; Integração; Conexões.

Abstract

Our aim is to make a short presentation of the methodological proposals of global history, one of the most discussed historical research paradigms during the last years, specially in the Anglo-saxan world. We are going to focus on the notions of connections and integration, which combined allow a broader analysis perspective, enabling comprehension of certain dimensions of the research object that may pass unknown by more traditional approaches.

Keywords: Global history; Integration; Connections

Resumen

Pretendemos hacer una breve presentación de las propuestas metodológicas de la historia global, uno de los más discutidos paradigmas de investigación histórica en los últimos años, sobretudo em el mundo anglo sajón. Vamos a focar em los conceptos de conexiones e integración, que permiten una perspectiva más ancha, permitiendo la comprensión de ciertas dimensiones del objeto de investigación que tal vez si quedasen desconocidas en enfoques más tradicionales.

Palabras clave: História global; Integración; Conexiones.

Introdução

Dentre as tendências que nas últimas décadas despontaram no campo dos estudos históricos, a chamada história global (*global history*) tem chamado particular atenção pelo seu potencial em permitir novas perspectivas de análise em temas já muito estudados. Especialmente no mundo anglófono, mas

também na Europa e no extremo asiático, incontáveis eventos acadêmicos e periódicos vêm apresentando pesquisas que pretendem levar em conta as “dimensões globais” nas quais seus objetos de pesquisa se inserem.

É evidente que toda corrente historiográfica é filha de seu tempo. Como registra Conrad (2016), o interesse dos pesquisadores em tratar seus temas desde uma perspectiva menos provinciana resulta não apenas de questões restritas às discussões acadêmicas. O fim da Guerra Fria e posteriormente os atentados de 11 de setembro de 2001 impulsionaram os interesses pelos processos globais, já despertados pela crescente integração econômica e cultural a que assistimos nas últimas décadas do século XX. O aumento da diferenciação étnica em certos países — causada pelo aumento dos fluxos migratórios — gerou demandas por interpretações do passado que fossem menos restritas aos limites nacionais. O próprio corpo de historiadores profissionais, nos EUA e na Europa Ocidental, apresenta atualmente uma composição muito mais diversa em termos de etnia e origem, e graças às revoluções nas comunicações iniciadas na década de 1990, têm muito mais acesso a viagens, fontes de pesquisa e comunicações com colegas de todas as partes do mundo. Um dos resultados de todos esses processos é que os pesquisadores têm acesso a diversas narrativas concorrentes. Essa diversidade de vozes indica a possibilidade de novos *insights* para temas clássicos — daí a relevância da história global.

Todavia, o próprio termo *história global* potencializa muitos erros de interpretação, e definir exatamente de que se trata essa perspectiva de pesquisa não é tarefa simples — especialmente levando-se em conta que pelo menos a partir da segunda metade do século XX tem sido ampla a difusão de métodos e linhas de pesquisa que podem facilmente se confundir com a história global, entre elas a *história mundial* e a *história transnacional*. O objetivo principal deste breve texto é trazer uma definição geral da perspectiva da história global, focando em duas de suas principais orientações metodológicas: a ênfase nas *conexões* e intercâmbios intersociais e, principalmente, examinar os objetos de pesquisa buscando possíveis questões causais em âmbito de escala global, ou seja, levando em conta os níveis de *integração* nos quais se encontram as diversas sociedades do mundo — para Conrad (2016, p.72), é justamente esse movimento de considerar “grandes formas de transformação e integração estruturadas que distingue a história global de outras abordagens [...]”.

Definindo a perspectiva da história global

Em busca de uma compreensão clara da *global history*, faz-se necessário, na esteira de Ficker (2014), distinguirmos entre *enfoque* e *objeto*. A história global não deve ser entendida aqui como um objeto de estudo, ou seja, como uma proposta de se fazer uma história omnicomprensiva que pretenda estudar literalmente todos os processos sociais existentes no planeta. O que a história global propõe é um enfoque, uma nova forma de se abordar um objeto de estudos delimitado. “Nessa acepção, o enfoque global resgata uma dimensão dos fenômenos que pode incluir, mas transcende a esfera local, nacional, regional.” (FICKER, 2014, sp). Existem fenômenos que são *globais* em si mesmos — *e.g.* as transações financeiras internacionais no início do século XXI, ou qualquer outro elemento típico do que se chama *globalização* —, mas que podem ou não ser abordados desde uma perspectiva global. Como registra Ficker (2014), o *fenômeno* pode ser reconhecido lateralmente como parte de um amplo processo em escala planetária, mas sua abordagem pode seguir um caráter convencional. Em contrapartida, essas questões — e, sempre que seja pertinente, outras não tradicionalmente reconhecidas como globais — podem ser tratadas por intermédio de um enfoque propriamente global.

A diferença é sutil, e poderemos melhor compreendê-la ao comparar a perspectiva da história global com os antigos trabalhos que, ao longo do século XX, se colocavam como pesquisas de *história mundial*, pretendendo abarcar todo o mundo e incluir os mais importantes acontecimentos políticos, militares, econômicos e sociais que transcorreram em um determinado período. Segundo Ficker (2014), essa acepção propunha não apenas uma abrangência planetária, mas também longos períodos de tempo, não raro abordando vários séculos. A história mundial se interessa principalmente pela inclusão de fatos e processos, algumas vezes comparando-os, mas raramente estabelecendo conexões de influência entre eles.

Conrad (2016) pontua que esse tipo de perspectiva macro tende a operar comparações em grande escala entre sociedades ou entre civilizações inteiras. As trocas e interações entre esses blocos civilizacionais não são de forma alguma ignoradas, mas o foco se coloca sobre as diferentes trajetórias dessas sociedades, cujas dinâmicas são descritas como movidas fundamentalmente por elementos

internos. Aqui o procedimento é basicamente de soma, e a expansão quantitativa de informações não é acompanhada de mudanças qualitativas — não se buscam elementos de processos mais amplos para analisar acontecimentos históricos específicos. Cada caso é tomado como se fosse inteiramente compreensível em si mesmo. Quando se buscava alguma conexão, geralmente essas histórias analisadas paralelamente eram colocadas como polos receptores de influência dos centros de poder econômico (geralmente Europa Ocidental e EUA) que, por sua vez, agiam apenas como difusores cuja força, criada internamente, não sofreria injunções “externas” significativas. A lógica restrita não é rompida, e o resultado é uma explicação marcadamente eurocêntrica que coloca as sociedades ocidentais como força motriz das transformações históricas.

Algumas das principais abordagens que problematizam tal leitura eurocêntrica não alcançam necessariamente uma perspectiva mais ampla. Diversas vertentes dos estudos pós-coloniais, subalternos e marxistas se empenham em abordar a difusão econômica, política e cultural do ocidente em chave negativa, interpretando-a como uma expansão imperialista e violenta, ao contrário das interpretações laudatórias tradicionais. Por outro lado, alguns pesquisadores vêm se dedicando a procurar paralelos do desenvolvimento europeu em outras sociedades na África, Ásia e nas Américas. Segundo esses historiadores, várias sociedades extra-europeias possuíam esse mesmo ímpeto para a racionalização e evolução no sentido capitalista. Tanto uma quanto outra perspectiva continua a enxergar as sociedades como blocos contidos por um perímetro delimitado, e as interações com o exterior são vistas ainda em termos de difusão e recepção. Segundo Conrad (2016), tanto as interpretações eurocêntricas quanto esses contrapontos que listamos acabam por cair em uma visão de história em última instância teleológica: o destino da humanidade estaria traçado de antemão e seu resultado seria uma civilização no modelo ocidental capitalista. As variáveis seriam apenas as formas pelas quais esse estágio final seria objetivado.

Comparemos agora esse brevíssimo esboço da chamada história mundial com o paradigma mais recente da história global. De acordo com Ficker (2014), os primeiros trabalhos que adotam uma perspectiva global tal como aqui a entendemos datam da final da década de 1980, embora muito antes do

surgimento de uma história global assim identificada seja possível perceber desenvolvimentos precursores espalhados por tradições historiográficas diversas — das quais se destacam o trabalho de Fernand Braudel na segunda geração do movimento dos *Annales* e a análise de sistemas-mundo de Immanuel Wallerstein, de inspiração braudelianiana e marxista. No início dos anos 1990 se chegou a uma consciência mais concreta das especificidades da história global, e esta começou de fato a se impor como uma perspectiva de análise distinta. O livro coletivo *Conceptualizing global history*, publicado em 1993, pode ser considerado um marco nesse sentido. A partir de então, ficou claro que a história global não se ocupa de macro perspectivas em si mesmas; mais do que isso, esse modelo busca situar fenômenos históricos concretos dentro de contextos mais amplos, potencialmente globais. Como salienta Conrad (2016), as pesquisas em perspectiva global não tomam unidades políticas ou culturais — estados-nação, impérios, civilizações — como pontos de partida. Ao invés, o procedimento é propor uma questão analítica e deixar-se conduzir por essa questão para onde quer que ela leve, colocando as unidades político-culturais tradicionais como elementos secundários na análise.

Conexões

Talvez a característica que primeiramente salta aos olhos quando lemos trabalhos de história global é o dato de que eles são profundamente *relacionais*. Uma unidade histórica — uma família, uma nação, uma civilização — nunca é vista como se desenvolvendo isoladamente. É exatamente por isso que *conexão* é a palavra-chave mais associada com a história global. Ao contrário da antiga história mundial que, como explicamos, reduz as interações a ondas unilaterais e mecânicas de difusão, os pesquisadores de história global enfatizam na fluidez e volatilidade com que se dão as interações entre fronteiras — daí a profusão de termos tais como “trocas”, “entrelaçamentos”, “fluxos” e “redes” (CONRAD, 2016).

Historiadores globais prestam atenção particular ao modo como os indivíduos e sociedades interagem com os outros — e menos em mudanças endógenas. Como resultado, metáforas espaciais — tais como territorialidade, geopolítica, circulação e redes — tendem a substituir o velho vocabulário temporal com termos como desenvolvimento e atraso. (CONRAD, 2016, p.66).

Uma das consequências dessa nova perspectiva é que ela acaba por colocar em questão o eurocentrismo tão comum nas antigas visões. São rejeitadas as leituras teleológicas segundo as quais as sociedades são transformadas desde dentro, seguindo direções pré-determinadas de mudança social (geralmente definidas como *modernidade*), nas quais algumas civilizações estariam em posição mais avançada do que as outras. Isso quer dizer que uma história global dá menos ênfase na diacronia e se detém mais na sincronicidade dos eventos. Nessa perspectiva, vários processos ocorrendo simultaneamente desde o “exterior” do objeto estudado podem ser tão importantes para provocar mudanças quanto longas trajetórias localizadas. Por exemplo, quanto às pesquisas acerca dos ditos processos da modernidade (que englobam o capitalismo, a racionalização, os estados nacionais etc.), as infundáveis buscas — muitas vezes arbitrárias — por origens monolíticas dos fenômenos são muito menos proveitosas do que despender atenção às condições globais e interações por intermédio das quais o mundo moderno teria emergido. Como diz Conrad (2016, p.76): “[...] mudanças locais dentro de um mundo integrado reverberam pelo sistema para afetar suas outras partes”.

É necessário, não obstante, tomar cuidado para não se valorizar indevidamente toda e qualquer conexão tomada de forma abstrata. Os intercâmbios sociais devem ser analisados em sua concretude e especificidade. Trocas de pessoas, bens materiais, e ideias entre as sociedades têm sido uma característica da vida humana desde tempos imemoráveis. Não obstante, apenas alguns desses *links*, e apenas em momentos históricos específicos, foram componentes cruciais de mudança social, ao passo que outros permaneceram contingentes e efêmeros. As conexões são apenas um ponto de partida, e sua importância varia, estando dependente de um rol de circunstâncias. É essencial estabelecer as condições que permitiram o desenvolvimento dessas interações. Ou seja: as trocas podem ser o indício aparente e detectável de uma transformação social mais profunda — uma transformação que fez com que essas mesmas trocas fossem possíveis (ou que adquirissem determinada intensidade). “Uma história global efetiva precisa estar ciente da dimensão sistêmica do passado e do caráter estruturado da mudança social” (CONRAD, 2016, p.70).

Sven Beckert, em seu *Empire of cotton: a new history of global capitalism* (2014), nos fornece uma perfeita ilustração de como uma análise em perspectiva global pode operar de forma bem sucedida. Esse historiador analisa uma rede de intercâmbios muito específica — o comércio de algodão e sua evolução na era moderna —, tendo sempre em vista os processos mais amplos de causação, neste caso a formação e expansão mundial do mercado capitalista. No prefácio, Beckert situa seu trabalho meio aos esforços de repensar os processos históricos por intermédio de uma perspectiva global. A história como disciplina organizada e como profissão, diz ele, se consolidou de forma intimamente relacionada ao estabelecimento dos estados nacionais na Europa, e, conseqüentemente, os processos que transcendiam fronteiras geopolíticas não receberiam a devida ênfase. Seu trabalho pretende ser uma contribuição para contrapor às perspectivas nacionais um foco mais amplo nas redes, identidades e processos que ultrapassam barreiras políticas.

Focando em uma mercadoria específica — o algodão —, e mapeando como ele era cultivado, transportado, financiado, industrializado, vendido e consumido, fomos capazes de ver as conexões entre pessoas e lugares que teriam permanecido nas margens se embarcássemos em um estudo mais tradicional limitado pelas fronteiras nacionais. Em vez de focar em um evento particular, como por exemplo a Guerra Civil Americana, ou em um lugar, como as fábricas de algodão de Osaka, ou em um grupo de pessoas, como os escravos das plantações de algodão das Índias Ocidentais, ou processo, como a transformação dos cultivadores rurais em trabalhadores industriais assalariados, este livro usa a biografia de um produto como uma janela para uma das mais significativas questões que podemos colocar sobre a história de nosso mundo, e reinterpretar uma história de gigantescas conseqüências: a história do capitalismo. (BECKERT, 2014, p.33/34).

O estudo de Beckert nos permite compreender perfeitamente como uma rede de conexões deixa de ser ornamental para se tornar essencial em um processo de escala planetária. Antes de meados do século XIX, explica o autor, não poucos europeus tinham contato com o comércio de algodão: as zonas portuárias de Londres, Hamburgo e Barcelona costumavam receber tecidos de regiões distantes, como a Índia. Em lugares como Dhaka (Bangladesh), Teotihuacan (México) e Kano (Nigéria) pessoas fabricavam tecidos de algodão, parte dos quais era comercializada em regiões longínquas. Na década de 1860, todavia, a situação era muito diferente. Milhões de fusos mecânicos movidos a vapor, operados por trabalhadores assalariados, produziam milhares de toneladas de fio de algodão. As confecções domésticas foram substituídas em larga medida pelo trabalho de milhões de escravos nas *plantation* americanas

localizadas a milhares de quilômetros das fábricas que elas forneciam — fábricas que por sua vez estavam muito distantes dos consumidores para os quais sua produção se destinava. O grosso desse comércio não se movia mais com os camelos das caravanas que cruzavam o Saara, mas sim com os muitos navios a vapor, que atravessavam todos os oceanos do mundo, carregados com algodão da América do Sul e com tecidos manufaturados na Inglaterra (BECKERT, 2014). Dificilmente conseguiríamos encontrar exemplo mais claro do que esse do desenvolvimento de intercâmbios desde seu caráter circunstancial até sua transfiguração em um conjunto de relações substanciais em um período específico.

Integração

O chamado para as dimensões sistêmicas das mudanças sociais deixa claro que, se uma perspectiva global implica atenção especial às conexões, apenas isso não é suficiente para que se faça história global. É necessário que essa perspectiva busque processos de causação no plano global, e “[...] se deseje ser mais do que um repositório ecumênico de encontros através de fronteiras, precisa se engajar sistematicamente com a questão de transformações globais estruturadas e seu impacto na mudança social” (CONRAD, 2016, p.71). Isso pode ser alcançado se trabalharmos com a noção de *integração* global. A qualidade e o impacto das conexões dependem, em última instância, do grau em que diversas sociedades estão integradas em todos mais ou menos sistêmicos.

A premissa básica da noção de integração é que nenhuma sociedade pode ser propriamente entendida de maneira isolada, e que a mudança social é parcialmente dependente dos intercâmbios entre grupos. Falar de integração é presumir que esses contatos não são ornamentais e efêmeros, mas causam impactos significativos e são recorrentes, capazes de moldar trajetórias de uma forma relativamente consistente. Na prática, o conceito de integração não pode deixar de ser elusivo, e a relevância ou não relevância das conexões deve ser aferidas por intermédio do escrutínio de cada caso, assim como as fronteiras do todo que tais comunicações integram (CONRAD, 2016).

É importante registrar que, nesse sentido, o conceito de integração guarda semelhanças com a noção sociológica de estrutura. Todavia, não devemos tomar as chamadas “estruturas sociais” como entidades autônomas,

sob o risco de que em última instância a história acabe apresentada como se fosse movida por forças desprovidas de agência humana. Ao contrário, alerta Conrad (2016), são as práticas individuais que produzem e reproduzem as estruturas. A atividade cotidiana dos homens constantemente confere transformações e dinâmica a esses grandes processos que costumamos definir como estruturas. Integração e conexões são duas categorias que, se podem ser separadas por razões de metodologia e exposição, nos processos históricos concretos estão profundamente entrelaçadas: as estruturas são resultado e dependem dessas interações. Ao fim e ao cabo, as estruturas são produto da ação, interação e colisão de diversas políticas, econômicas, culturais — forças humanas. Cabe ao pesquisador aferir as forças concretas de influência nos casos específicos. Seguindo essa linha de raciocínio, acreditamos ser possível afirmar que uma das vantagens da história global enquanto perspectiva é que ela talvez tenda a reduzir as chances de incoerência em determinismos. O que está implícito no paradigma da história global, em nossa concepção, é que todo fenômeno sofre múltiplas injunções das mais variadas naturezas, origens e intensidades.

O trabalho de Beckert nos mostra claramente o entrelaçamento entre as conexões e a integração: as mudanças globais dão suporte e ao mesmo tempo são produto de conexões em constante transformação. Mais do que isso, também fica evidente que tais mudanças são promovidas pelas inúmeras combinações das ações concretas de homens e grupos reais, e não por estruturas metafísicas impessoais. Por conta da centralidade do comércio de algodão, diz Beckert (2014, p.17), sua história “é também a história do fazer e do refazer do capitalismo global e, conseqüentemente, do mundo moderno”. Em um período notavelmente breve, prossegue, empreendedores privados e homens de estado combinaram criativamente o uso de trabalho escravo, a expansão imperial e as novas tecnologias para reorganizar o comércio e a produção de algodão — e, nesse processo, acabaram por ajudar a mudar o mundo (BECKERT, 2014).

Na prática, a busca pela referência das integrações não significa necessariamente que o termo “global” implique alcance literalmente mundial, mas sim que, para cada questão em foco, devemos examinar até que ponto ela está relacionada com processos de grande escala. Muitos historiadores confinam *a priori* suas pesquisas em demarcações políticas e geográficas

preestabelecidas, e seria igualmente problemático pressupor processos globais logo de início (CONRAD, 2016). Ficker reflete esse problema quando indaga até que ponto é pertinente utilizar um enfoque global para estudar questões que não são globais em si mesmas — *i.e.* que não mostram em seu desenvolvimento dimensões de integração.

Para dizer em outras palavras, me pergunto se podemos apenas adotar uma perspectiva de história global com períodos e lugares nos quais se objetivou um processo de globalização, ou seja, de interconexão ou integração entre distintas zonas do mundo em uma entidade supranacional que compartilha certas pautas, ritmos, tempos. A implicação lógica seria que em épocas de “desconexão”, não havendo fenômenos interconectados a pesquisar, o apropriado seria um enfoque de história mundial convencional [...] [como] um “compêndio” de fenômenos, situações e eventos que têm lugar em diversas partes sem uma lógica comum subjacente, com independência um do outro. (FICKER, 2014, sp.).

A posição de Conrad (2016) segue a mesma linha. Para ele, a história global como perspectiva, estando intimamente ligada à avaliação do processo de integração global, torna-se, evidentemente, mais profícua quando explorada em períodos em que a integração apresenta certa densidade. “[A] história global é uma abordagem muito específica. Certamente não é um método universalmente válido para explicar tudo que já aconteceu sob o sol.” (CONRAD, 2016, p.91). Esse é um importantíssimo cuidado a ser tomado: ao fim e ao cabo, a proposta é não iniciar uma pesquisa com pressupostos de espaço e alcance. Ao contrário, é o próprio tema a ser estudado que indicará, no curso da pesquisa, quais são os processos relevantes ao objeto, bem como seu alcance (CONRAD, 2016).

O que “global” sugere, portanto, é uma abertura para perseguir conexões e a questão de causalidade além de demarcações convencionais e unidades espaciais; denota “simplesmente a preocupação metodológica em experimentar para além das fronteiras geográficas familiares”. (CONRAD, 2016, p.72).

Concluiremos esta seção com um último exemplo de Conrad (2016), que esclarece como a história global, ao atentar para as questões das conexões e das integrações, pode chegar a uma nova perspectiva no tocante a temas já muito estudados: as tentativas de se fazer uma história global do fascismo. Geralmente, abordagens tradicionais de história mundial concentram seus esforços em definir o termo “fascismo” por intermédio de uma lista de características essenciais — um modelo esquemático — que os movimentos políticos em questão deveriam apresentar para ser caracterizados como tal: a presença de um líder carismático, mobilizações de massa, nacionalismo

exacerbado, e assim por diante. Todas essas características são derivadas da experiência europeia: os processos japonês e argentino, por exemplo, não conseguiriam se encaixar nessa definição. Por intermédio da história global, historiadores têm prestado mais atenção nos contatos diretos e transferências entre os mais diversos regimes. Isso faz com que se consiga entender melhor em que medida a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini serviram como modelos inspiradores em diversos lugares do mundo.

Para além das conexões, um foco mais sistemático nas integrações globais salienta uma situação que se generalizou em âmbito planetário no período entre as duas guerras mundiais: a busca — entre a crise econômica do capitalismo e os riscos à propriedade privada apresentados pelas perspectivas de revolução social — de uma terceira via entre as propostas liberais de livre mercado e o comunismo, o que levou vários governantes a experimentar novas formas de mobilização e organização social. Dessa forma, os movimentos fascistas e suas conexões são explicados a partir de um contexto global de crise econômico-social, risco de radicalização política desde a esquerda e perda de confiança nas instituições então tradicionais do capitalismo.

Dessa perspectiva, a ausência deste ou daquele item da lista [...] — existia um partido de massa desafiando a ordem das coisas ou apenas mobilização “desde acima”?, por exemplo — é menos importante do que entender os diferentes casos como formas relacionadas, mas diferenciadas, de lidar com transformações estruturais e mudanças na ordem internacional. (CONRAD, 2016, p.79).

Considerações finais

Nossa intenção aqui foi tão somente apresentar um breve esboço do paradigma da história global, ainda insuficientemente conhecido no Brasil. À guisa de conclusão, é necessário dizer que dificilmente poderíamos considerar essa perspectiva como algo propriamente original. Podemos encontrar vários pensadores que, muito antes da história global vir à baila, defendiam, direta ou indiretamente, reflexões que colocassem causas de nível mais amplo como elemento indispensável. Basta pensarmos na última grande obra completa de Braudel, *Civilização material, economia e capitalismo*, publicada entre 1967 e 1979. As pesquisas de Braudel para esse trabalho o levaram a formular a noção de *tempo do mundo* para destacar como várias regiões do planeta foram se interconectando entre os séculos XV e XVIII, adquirindo a tendência a se mover

em ritmos semelhantes, em influência recíproca, formando um processo unitário.

Não obstante, consideramos que a maior contribuição da história global não reside em pretensões ao ineditismo — evidentemente, a construção do conhecimento pressupõe tanto acúmulo e resgate como revisão. O valor dessa perspectiva está em tentar recuperar a importância dos contextos mais amplos justamente em uma época de superespecialização acadêmica e fragmentação do conhecimento, tendências sem dúvida vantajosas e positivas do ponto de vista do rigor investigativo, mas problemáticas do ponto de vista da compreensão de processos gerais — o que, em última instância, acaba por prejudicar o próprio entendimento dos objetos de pesquisa em seus recortes específicos.

Nesse sentido, e pela época em que começa a despontar, a história global, sem negar de forma alguma as especificidades regionais, nos convida em última instância a abrir nossos horizontes. Uma abertura que, se não abandonarmos o rigor da pesquisa empírica, só pode ser positiva.

Referências bibliográficas

BECKERT, S. *The empire of cotton*. 1ª edição. New York: Vintage, 2015.

CONRAD, S. *What is global history?* 1ª edição. Princeton: Princeton University Press, 2016.

FICKER, S. K. Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. 27 março 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/66524>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.